

# LA LECTURA EN LA ENSEÑANZA DEL PERIODISMO: UN ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE BRASIL Y PORTUGAL.

**Adriano Lopes Gomes**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.**

## **Introdução**

As questões relacionadas à leitura vêm sendo amplamente discutidas nos diversos segmentos da educação, destacando-se a sua relevância para a aquisição do conhecimento, da cultura, do saber e da conscientização política, face aos desafios do mundo. Saber ler tornou-se, pois, condição indispensável para o acesso a qualquer área do conhecimento e, mais ainda, à própria vida do ser humano, uma vez que a leitura apresenta função utilitária e transformadora da sociedade. Porém, pesquisas indicam que a falta de leitura não se concentra apenas no ensino fundamental, mas prossegue no ensino médio e, por efeito dessa constatação, alcança o ensino superior. Sendo assim, nem sempre é correto acreditar que o aluno chega à universidade adotando práticas sistemáticas de leitura. Este trabalho procura identificar as possíveis relações entre as experiências de leitura na formação do jornalista, como prerrogativa ao desempenho acadêmico e êxito profissional, além de reunir informações que respaldam nosso postulado sobre a necessidade de se refletir sobre a leitura no ensino da Comunicação. Como base empírica das análises, apresenta os resultados da pesquisa *As interfaces da leitura de notícia no ensino de jornalismo: um estudo etnometodológico entre Brasil e Portugal*.

Admitimos que há uma lacuna quanto ao diagnóstico do estado de leitura dos alunos de Comunicação Social – habilitação em jornalismo, futuros formadores de opinião, de quem se espera a competência para saber ler e escrever<sup>1</sup>. Tais requisitos recaem sobre a formação de leitores críticos e experientes para traduzir, em textos, a realidade social em que vivem e atuam, cujo contexto nos autoriza a afirmar que a formação do jornalista tem estreita relação com a formação do leitor. No levantamento que fizemos, não conseguimos identificar estudos semelhantes no Brasil

que pudessem relacioná-los ao estado da arte. Em Portugal, convém destacar a investigação de Pinto e Marinho (2005) sobre *práticas e atitudes face aos media dos estudantes de jornalismo: um estudo de caso na Universidade do Minho*.

O aluno de jornalismo que exerce domínio sobre seu objeto de conhecimento, através de práticas de leitura, é capaz de agregar os requisitos de que necessita para sua emancipação e autonomia no âmbito educacional e social. Emancipação, porque o aluno encontrará na leitura o suporte de informação e experiência, permitindo-lhe o estatuto da criticidade por estabelecer parâmetros de referência à diversidade de episódios que exigirão julgamento e tomada de decisão própria. Autonomia, porque a leitura apontará uma série de possibilidades que caracterizarão o leitor como aquele que sabe empreender a busca necessária ao conhecimento e à aprendizagem na hora e tempo em que precisa, de forma voluntária e consciente. Apesar disso, convém ainda assinalar as interfaces da leitura na produção da notícia, razão pela qual defendemos que o aluno de jornalismo deve recorrer aos textos de natureza diversa, notadamente de jornais, de onde se pode reunir informações estruturais e técnicas para elaborar as matérias.

Silva (1992:42) enfatiza que *a leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende, e, contrariamente, à evasão escolar*. Mais adiante, o autor conclui que *escrever e ler são atos complementares: um não pode existir sem o outro (idem: 64)*. Sendo assim, para escrever bem, esse aluno terá na leitura o suporte do conhecimento a ser armazenado em sua memória de longo prazo (SMITH, 1991; LENCASTRE, 2003), na organização do repertório lexical e semântico, à semelhança de fontes matriciais. Por tal motivo, defendemos que ler é estabelecer relações entre o texto e o conteúdo sistematicamente internalizado sob a forma de conhecimentos. Abordamos a questão do conhecimento como resultado de experiências que se sobrepõem àquilo que se é e já se sabe. Essa idéia reforça nossa concepção de que a prática da escrita também está atrelada às experiências de leitura, ou seja, que um bom texto escrito requisita do autor a recorrente atitude do ato de ler.

---

<sup>1</sup> Quando evidenciamos aqui a questão de “saber ler” não se entenda a situação de decodificar palavras e frases, porém compreender os textos para além das linhas, identificando elementos informacionais que não são visíveis na materialidade gráfica.

## 2. Experiência e leitura: saber narrar o acontecimento

A concepção de *experiência* é aqui adotada no sentido pragmático que pressupõe a aquisição de informações por meio da vivência no mundo, relacionando-se com o meio e com os objetos portadores de significados, daí extraindo conhecimentos múltiplos que alicerçam as práticas cotidianas de cada indivíduo. Experiência e conhecimento se complementam quando abordamos questões do desenvolvimento cognitivo em face da funcionalidade que ambos apresentam na formação do leitor. São funcionais à medida que revelam utilidade no ato de estabelecer a compreensão de si mesmo, do outro e do mundo que cerca esse leitor em contínuo processo de formação.

A psicolinguística toma por base a teoria da informação que postula a relação proporcional entre quantidade de informações e eliminação de incertezas na veiculação de uma mensagem. Convém definir informação como a medida de redução de incertezas sobre um determinado estado de coisas pela eliminação de alternativas improváveis (SMITH, 1989:71) e por apresentar sempre uma taxa de novidade ao receptor. Se ler implica identificar conceitos e palavras cujo acervo reside na memória, isto significa dizer que quanto maior o armazenamento de informações tanto mais ampla será a relação entre o que é lido e, simultaneamente, compreendido.

Ressaltamos tais pressupostos para relacionar a importância da leitura no ensino de Comunicação, reforçando a aceção de que o jornalista é, em primeira instância, um observador e relator dos fatos. Ora, narrar histórias do cotidiano sempre esteve associado à atividade do jornalista, empenhado em descrever os episódios para transmiti-los a uma comunidade de interlocutores que não presenciaram os acontecimentos. Rodrigues (*in* TRAQUINA, 1993:27) assinala que *o acontecimento situa-se (...) na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for sua realização*. Por tal motivo, a “estória”<sup>2</sup> apresenta uma novidade, fugindo da previsibilidade, para se caracterizar como algo novo, assumindo, assim, o *status* de notícia. Nesse sentido, revela-se o caráter da profissão, pautado pelo ato de narrar os fatos. O mundo torna-se, pois, o grande cenário sobre o qual o jornalista vai atuar para daí recolher os fragmentos da realidade e publicá-los na mídia.

---

<sup>2</sup> Rodrigues e Tuchman registram a palavra “estória” para o mesmo sentido adotado no Brasil cuja grafia é “história”.

Essa relação triádica constituída pelo “mundo, mídia e construção social da realidade” promove uma ordem sistêmica no processo de produção da notícia (*newsmaking*) legitimada pelos procedimentos de previsão, seleção e exposição dos fatos, provocando uma espécie de debate público, teoria que ficou conhecida no jornalismo como *agenda-setting* (TRAQUINA, 1993; 2001; 2004; SOUSA, 2002; WOLF, 2003).

O processo de agendamento evidencia o ritual de catalisar diariamente a atenção dos espectadores no intuito de acompanhar as histórias que são contadas na mídia, contextualizadas estruturalmente por um começo, meio e fim. Como a notícia tem algo que precede (situação de *background* ou retrospectiva), desdobra-se com a novidade que se insinua dia após dia (situação de monitoração ou suíte) e termina com a resolução do caso acompanhado (situação de desfecho ou prospectiva), quase sempre é impossível perseguir os acontecimentos sem que sejam previamente agendados. Por tal razão, caberá ao jornalista contar a história “por partes”, sem perder o sentido do todo. Esse argumento tem sustentação no pressuposto de que o professor de jornalismo terá a incumbência de desenvolver experiências nos alunos que tenham implicações diretas com o seu saber profissional, ou seja, ser um bom narrador dos acontecimentos. Entretanto, para que tal ocorra, tentamos consolidar a idéia de que o aluno de jornalismo deve ser um leitor proficiente, que encontra na pluralidade do material de leitura a experiência que possibilitará os fundamentos no seu desempenho enquanto acadêmico, reunindo conhecimentos que legitimarão o seu futuro profissional. A experiência torna o sujeito socialmente ativo em suas atitudes, pois é capaz de inseri-lo no contexto onde o espírito humano esconde as suas recônditas intenções discursivas.

Queremos, com isso, defender nosso ponto de vista sobre o qual atestamos a eficácia da leitura como experiência de modo a recolher as informações do mundo cujo conteúdo será o substrato para se poder contar as histórias. Tuchman (1993) afirma que “as notícias são construções, narrativas, “estórias”. Se assim o é, a um bom narrador será requisitado conhecimento acumulado que se consolida na vida prática. Traquina (2000:27) cita Ericson, Baranek e Chan<sup>3</sup> para falar sobre o chamado “vocabulário de precedentes”, ou seja, os saberes necessários para um bom

---

<sup>3</sup> Ericson, Richard V.; Baranek, Patrícia M.; e Chan, Janet B. (1987). *Visualizing Deviance: A study of News Sources*. Toronto: University of Chicago Press.

desempenho profissional. Dentre os quais, o autor menciona o “saber de narração” (*ibidem*: 28), ao esclarecer que “consiste na capacidade de compilar todas essas informações [que orientam para elaboração de uma boa notícia] e ‘empacotá-las’ numa narrativa noticiosa”. Por tudo exposto, parece tautológico afirmar que só se conta uma boa história quem sabe o *quê* e *como* contar.

### **3. As representações de leitura na aquisição do conhecimento: resultados da pesquisa**

A pesquisa *As interfaces da leitura de notícia no ensino de jornalismo: um estudo etnometodológico entre Brasil e Portugal*<sup>4</sup>, pretendeu fazer um estudo comparativo com alunos do curso de Comunicação Social de duas universidades públicas: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, situada geograficamente na cidade do Natal-RN, Brasil, e da Universidade Nova de Lisboa, na cidade de Lisboa, Portugal. Procurou problematizar questões que incidem sobre o ensino de Comunicação, tentando identificar as possíveis relações entre as experiências de leitura e o desempenho acadêmico, decorrendo daí a delimitação do perfil de leitor entre os sujeitos pesquisados.

Tratou-se, pois, de um estudo etnometodológico, comparativo, de base quantitativa e qualitativa, a partir do qual tivemos a intenção de saber junto aos alunos de jornalismo, dentre outras variáveis, a frequência e o gosto pela leitura, a opção pelo veículo – impresso ou digital –, a capacidade de compreensão das notícias, as editoriais e assuntos jornalísticos mais apreciados, a relevância que atribuem à leitura de jornal na vida acadêmica, além dos diversos suportes de leitura. Admitimos que essas representações de leitura caracterizam a formação universitária e podem sinalizar determinadas contingências para o futuro da atividade jornalística.

Os sujeitos foram alunos de jornalismo, de ambos os sexos, selecionados aleatoriamente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e da Universidade Nova de Lisboa (UNL). O espaço amostral totalizou 102 alunos da UFRN, e 60 alunos da UNL, cuja abordagem metodológica consistiu na aplicação de

---

<sup>4</sup> Quando nos referirmos ao Brasil, entenda-se, portanto, à população de sujeitos pesquisados, limitada à amostra dos alunos de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tanto quanto a Portugal, cujo estudo foi circunscrito aos alunos da Universidade Nova de Lisboa, em Lisboa.

um questionário com 41 questões semi-estruturadas. Os sujeitos foram compostos por 37, 25% , do sexo masculino, 62,75% do sexo feminino (Brasil); e 18,33% do sexo masculino, 81,66% do sexo feminino (Portugal), sendo que a maioria possuía idade entre 21 e 25 anos (48,02%, Brasil; 50%, Portugal). Quanto à ocupação, 57,84% (Brasil) e 10% (Portugal) disseram que trabalham ou fazem estágio, e os demais informaram dedicação integral aos estudos. Com estes números gerais, podemos observar que tanto no Brasil quanto em Portugal o interesse pela carreira jornalística está atualmente voltado à população jovem feminina, reconfigurando uma situação de algum tempo atrás, nos dois países, onde se era possível ver as redações de jornais, emissoras de rádio e de televisão ocupadas quase exclusivamente por profissionais do sexo masculino. Os dados confirmam a hipótese, no Brasil, de que mais da metade dos estudantes de jornalismo ingressa prematuramente no mercado de trabalho, quer em empregos fixos ou temporários, quer em estágios na área específica ou correlata. Em Portugal, esse índice é consideravelmente menor, o que denota alguma vantagem em função do tempo destinado para os afazeres acadêmicos em detrimento de outras ocupações. Ora, se há uma sobrecarga de atividades de trabalho, além das obrigações de assistir aula<sup>5</sup>, por extensão depreendemos que isso pode ter implicações sobre o processo de aprendizagem, pois limita o tempo para a leitura. Acreditamos, assim, que essa situação pode comprometer tanto o seu desempenho universitário quanto à sua formação sistemática de leitor.

Os sujeitos pesquisados revelaram interesse pela leitura, o que reforça a concepção de que ler é uma atividade prazerosa, além de conferir *status* social. Quase todos os entrevistados disseram que gostam de ler (99,02%, Brasil; 100%, Portugal), argumentando que esta é uma das formas de ampliar os horizontes de conhecimento, pois a leitura, além de deixá-los informados e atualizados sobre o que acontece no mundo, ainda é uma prática “agradável”, “divertida” e “prazerosa”. Essas respostas mostram a natureza utilitária e o caráter lúdico da leitura, pois inferimos que os sujeitos demonstram interesse por ler para adquirir informações, situarem-se no contexto cotidiano dos acontecimentos, mas também por proporcionar estados de fruição. Quanto à leitura de jornal, considerada como relevante aos alunos de

---

<sup>5</sup> Convém destacar que o ensino de jornalismo no Brasil está inserido no âmbito das aulas presenciais, cuja participação do aluno é indispensável, quer para fins de avaliação continuada, quer para atender um percentual mínimo de presença para não ser reprovado. Em Portugal, não há tal regime de obrigatoriedade, o que deixa o aluno livre para optar por ir ou não assistir às aulas.

jornalismo, mereceu uma análise mais detalhada, por envolver textos com os quais irão se deparar nas suas rotinas profissionais, já na condição de produtores de notícia. Portanto, a leitura de jornal, além de favorecer a apreensão dos acontecimentos noticiosos, ainda permite adquirir formas e estilos de produção textual.

À pergunta “você lê jornal?”, 94,12% (Brasil) e 98,33% (Portugal) disseram que **sim**; 5,88% (Brasil) e 1,66% (Portugal) afirmaram que **não**. No Brasil, a grande maioria revelou interesse por *noticiário local* (81,37%), seguido de *noticiário nacional* (66,67%). Já em Portugal a situação é diferente: 85% disseram que se interessam mais por *noticiário nacional* e 71,66%, por *cultura*. A proximidade geográfica com o acontecimento é um dos valores-notícia sobre os quais os consumidores de notícia (*news consumers*) têm maior interesse, conforme um dos princípios da atividade jornalística. Os alunos brasileiros, na condição de leitores, confirmam tal prerrogativa. No entanto, os portugueses a contrariam. É provável que a dimensão geográfica esteja no cerne da interpretação desses dados. Em termos comparativos, o Brasil tem um espaço geográfico consideravelmente maior (8,5 milhões de km<sup>2</sup>) em relação a Portugal (92.235 km<sup>2</sup>), onde aquilo que é noticiado, por exemplo, aos habitantes do Nordeste brasileiro tem maior interesse se os acontecimentos dizem respeito àquela região. Em Portugal, os fatos interagem dentro de um tal espaço de proximidade que é de interesse geral. Um acontecimento, suponhamos, no Norte do país, passa a chamar a atenção dos *news consumers* pelas características de proximidade geográfica entre as regiões. *Horóscopo* e *Classificados* são os assuntos menos lidos pelas duas amostras. Veja a tabela:

<b>Tab.1 – JORNAL/LEITURA/PRIORIDADE</b>		
	<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Noticiário local	81,37%	30%
Noticiário nacional	66,67%	85%
Noticiário internacional	50,98%	65%
Cultura	71,66%	67,65%
Economia	38,24%	1,66%
Política	52,94%	45%
Horóscopo	16,67%	5,0%
Classificados	19,61%	3,33%
Esportes	40,2%	15,0%
Saúde	35,29%	13,3%
Outros	18,62%	8,33%

**Fonte:** Pesquisa de campo/UFRN/UNL

Entendemos que, nos dois países, as páginas de classificados são lidas em menor proporção em razão da sua função imediata de informar, vender, trocar uma diversidade de bens e objetos, nem sempre na ordem de prioridade diária dos sujeitos pesquisados. O que merece atenção é a disparidade estatística entre Brasil e Portugal no que respeita à leitura da editoria de economia, cujos dados indicam que nos dois países lêem-se menos assuntos desse segmento noticioso. Porém, em Portugal os números são consideravelmente menores (1,66%), o que nos leva a acreditar que tal realidade reflete na questão da densidade lexical e semântica, própria da linguagem adotada nos textos de economia. Ou seja, há dificuldades de compreender o que, de fato, as notícias de Economia querem dizer (conforme a tabela 2), o que demanda do leitor um conhecimento prévio sobre aquilo que é abordado em suas páginas. A dificuldade de compreensão, neste caso, pode gerar desinteresse.

No tocante à dificuldade para compreender determinados assuntos editoriais, 34,31% (Brasil) e 31,66% (Portugal) disseram que *sim*, ou seja, que enfrentam problemas de compreensão, sendo que as duas amostras encontram maior dificuldade em *Economia* (27,45%, Brasil; 28,3%, Portugal); *Política* (14,71%, Brasil; 8,33%, Portugal) e *Internacional* (7,84%, Brasil; 8,33%, Portugal), como se vê na tabela 2:

<b>Tab.2 – JORNAL/LEITURA/DIFICULDADE DE COMPREENSÃO</b>		
	<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Noticiário local	0,98%	00
Noticiário nacional	0,98%	00
Noticiário internacional	7,84%	8,33%
Cultura	00	00
Economia	27,45%	28,3%
Política	14,71%	8,33%
Horóscopo	00	00
Classificados	00	00
Esportes	1,96%	00
Saúde	1,96%	00
Outros	0,98%	1,66%

*Fonte: Pesquisa de campo/UFRN/UNL*

Estes indicadores fazem emergir uma problemática sobre o ensino de jornalismo especializado, posto que na grade curricular do curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo, da UFRN e da UNL, não há disciplinas como



“jornalismo econômico” e “jornalismo político”, as quais, pelo que deduzimos, poderiam ser necessárias para desfazer ou pelo menos clarificar tais dificuldades de interpretação de notícias com conteúdos tão específicos, além de capacitá-los a produzir textos daquela natureza.

A compreensão é um fenômeno decorrente da leitura que reside na capacidade de se atribuir sentidos ao objeto lido. Recorrendo aos aportes da psicolinguística, podemos dizer que a compreensão é fruto do conhecimento armazenado na memória de longo prazo do leitor (SMITH, 1999; LENCASTRE, 2003; KATO, 1999).

Devemos entender, contudo, que a leitura de um texto jornalístico está inserida no sistema de representações que irrompe uma convenção própria de questionamentos para daí se inferir o sentido dos acontecimentos narrados. Assim sendo, a experiência será necessária ao ato da leitura, uma vez que o conhecimento prévio auxiliará o leitor no momento de questionar o texto para poder desvelar os significados nele intrínsecos. Contudo, entendemos que a experiência não ocorre senão por meio da sistematização de determinada atividade que demanda tempo, interesse e motivação. Se os sujeitos pesquisados demonstram dificuldades de compreender assuntos como *economia* e *política*, acreditamos que se deve ao fato de exigir do leitor um repertório de informações específicas nessa área de conhecimento, muitas vezes inacessíveis.

Admitimos que a leitura constante, a familiaridade com a organização textual, a percepção da linguagem adotada e o acompanhamento rotineiro dos fatos em tais setores da atividade humana, são fatores importantes para se entender os meandros que perpassam pela conjuntura econômica e política, e desfazer, assim, possíveis conflitos de interpretação.

Quanto à “frequência de leitura” de jornais impressos, os entrevistados responderam o seguinte:

<b>Tab. 3 – JORNAL/LEITURA/FREQUÊNCIA</b>		
	<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Diária	40,2%	16,6%
Algumas vezes na semana	37,25%	56,6%
Semanal	11,76%	15%
Quinzenal	1,96%	1,66%
Mensal	00	00
Eventual	3,92%	10%
Nenhum	00	00

*Fonte: Pesquisa de campo/UFRN/UNL*

Talvez esta tabela 3 possa responder à questão anterior, sobre a compreensão e a sistematização da leitura. Como se vê, menos da metade dos sujeitos lê jornal diariamente, situação que termina por afastar o contato com a linguagem jornalística. Além disso, o leitor terá que recorrer a outros meios para ter acesso à informação ou ao desfecho dos assuntos agendados na mídia, conforme tabela adiante.

Para termos uma noção dos jornais mais lidos pelos alunos, solicitamos

<b>Tab. 4 – JORNAL/LEITURA/TITULOS</b>			
<b>BRASIL</b>	<b>%</b>	<b>PORTUGAL</b>	<b>%</b>
Folha de São Paulo	20,5%	O Público	70%
O Globo	1,96%	Diário de Notícias	40%
Diário de Natal	47,05%	Expresso	21,6%
Tribuna do Norte	45,09%	Destak	5%
Jornal de Hoje	14,7%	Metro	5%

*Fonte: Pesquisa de campo/UFRN/UNL*

mencionar as suas preferências. Os resultados foram estes:

Esta tabela vem confirmar os números anteriores quando revelaram que os alunos brasileiros preferem mais as notícias locais, diferentemente dos alunos portugueses que disseram preferir as notícias nacionais. Os títulos dos jornais indicados por eles refletem essa tendência. Embora em proporções distantes, no Brasil aparecem os dois jornais de circulação nacional: a Folha de São Paulo e o Globo. Já os jornais que circulam apenas no estado do Rio Grande do Norte, região onde foi feita a coleta dos dados, os números são consideravelmente maiores. Diário de Natal e Tribuna do Norte surgem como os mais lidos. Já em Portugal, os três maiores jornais de referência foram citados, sendo que O Público é o mais apreciado pelos alunos,

seguido de o Diário de Notícias. Fato curioso é o que ainda se vê na tabela, no tocante aos jornais de Portugal, uma vez que os dois maiores jornais gratuitos em circulação, Metro e Destak, registram, ambos, 5% de leitura. Esses dois jornais são distribuídos em espaços públicos, o que pressupõe fácil acesso aos leitores. Porém, tal realidade não emerge nos dados.

Perguntamos aos sujeitos sobre as preferências midiáticas no sentido de deixá-los informados. Obtivemos, na tabela abaixo, as respostas de múltipla escolha:

<b>Tab. 5 – NOTÍCIAS DIÁRIAS/PREFERÊNCIA</b>		
	<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Ler jornais impressos	54,9%	50%
Assistir aos telejornais	74,51%	80%
Acessar a internet	69,62%	21,66%
Ouvir rádio	25,49%	23,3%
Nenhum	00	00

*Fonte: Pesquisa de campo/UFRN/UNL*

Os números nos mostram a semelhança entre os dois países, exceção feita à opção “acessar a internet” que apresentou desequilíbrio estatístico, a partir dos quais podemos afirmar que os alunos de jornalismo do Brasil preferem ficar informados através da rede mundial de computadores, possivelmente lendo os jornais em versão *on-line* ou acessando os portais de notícia ou, de outra forma – e em números que se aproximam –, assistindo aos telejornais. Os estudantes de jornalismo de Portugal também preferem assistir aos telejornais, mas como segunda opção está a leitura de jornais impressos. Os números parecem indicar que os fatores como dificuldade de acesso e preço dos jornais nacionais, no Brasil, geram a desproporcionalidade. *A Folha de São Paulo* e *O Globo*, apesar de serem referência no país, são pouco lidos pelos alunos em Natal, o que justifica a recorrência aos telejornais e à internet como meios de informação. Em Portugal, pelas dimensões geográficas já mencionadas, os jornais nacionais naquele país estão mais ao alcance dos alunos, razão pela qual entendemos o baixo índice de sujeitos que acessam a internet para se informar, uma vez que não há necessidade para que tal aconteça, não obstante reconheçamos que uma situação não invalida a outra, conforme veremos na tabela 6.

No questionário, perguntamos ainda sobre as formas de acesso à leitura de jornal, cujos resultados foram os seguintes:

<b>Tab. 6 – JORNAL/LEITURA/ACESSO</b>		
	BRASIL	PORTUGAL
Compra	20,59%	85%
É assinante	29,41%	3,33%
Lê em locais públicos	49,02%	21,66%
Lê pela internet	45,1%	51,66%
Pede emprestado	8,82%	13,33%
Nenhum	00	1,66%

**Fonte:** Pesquisa de campo/UFRN/UNL

Como se vê nesta tabela, há confrontos numéricos entre os dois países. Em Portugal, compra-se mais jornal do que no Brasil, onde os sujeitos brasileiros afirmaram ter acesso à leitura de jornal em locais públicos ou lê pela internet.

Como se vê em Portugal, além de comprar, os sujeitos ainda recorrem às notícias pela internet, embora não seja esta a preferência, conforme assinalada na tabela 5.

Ainda sobre a sistematização da leitura, perguntamos: “Algo o impede de ler jornal diariamente?”. 62,75% (Brasil) e 63,3% (Portugal) disseram que *sim*. As justificativas foram estas:

<b>Tab. 7 -JORNAL/LEITURA/IMPEDIMENTOS</b>		
	BRASIL	PORTUGAL
Não tenho tempo	37,25%	43,33%
Prefiro me ocupar com outra atividade	2,94%	1,66%
Não gosto	7,84%	00
Não tenho dinheiro para comprar	22,25%	26,6%
Outro	6,86%	6,66%

**Fonte:** Pesquisa de campo/UFRN/UNL

Os dados indicam que os alunos de jornalismo do Brasil e de Portugal, em sua maioria, gostam de ler jornais. Porém, afirmam que não dispõem de tempo – possivelmente por ocupações de trabalho ou de estágios extracurriculares, no caso do Brasil; e outras ocupações não reveladas, em Portugal, de acordo com os números indicados –, ou dinheiro para comprar jornais diariamente.

É lícito retomar a questão da leitura de jornal como forma de apreensão do conhecimento e da estrutura da narrativa, abordada anteriormente. Ratificamos o pressuposto de que os alunos de jornalismo devem se acostumar com a linguagem escrita nos jornais como forma de organizar seus próprios textos e que obedecem a determinados critérios técnicos e estilísticos. Traquina (2000:27) assinala que “as notícias são elaboradas com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos, como por exemplo, a pirâmide invertida”. Por isso, não é apenas a teoria do mundo (*cf.* Smith, 1999) que entra em discussão no ato da leitura, mas questões práticas que implicam nos desdobramentos da competência acadêmica e profissional. E defendemos que não há outro meio, senão lendo as notícias, adotando julgamentos estéticos de formatação textual.

Como o questionário é exaustivo e o espaço é exíguo para detalhar em sua totalidade, agrupamos, na tabela a seguir, os diversos suportes textuais que caracterizam o material de leitura dos sujeitos pesquisados. Ao mesmo tempo, a tabela nos dá uma idéia do perfil de leitor dos alunos de jornalismo nos dois países, no que diz respeito às suas práticas de leitura. Destacamos apenas as respostas afirmativas em torno da tipologia do suporte textual:

**Tab. 8 – LEITURA/SUPORTE TEXTUAL**

	BRASIL	PORTUGAL
Revista	97,06%	93,33%
Literatura	85,29%	96,66%
Textos religiosos	49,02%	21,66%
Livros didáticos	95,01%	86,66%
Biografias	44,12%	30%
Livros de auto-ajuda	28,43%	11,66%

**Fonte:** Pesquisa de campo/UFRN/UNL

“Revista”, “literatura” e “livros didáticos” são os suportes textuais mais recorrentes, merecendo maiores índices estatísticos. As revistas, como fonte de informação; os livros literários, como experiência estética; e os livros didáticos, como necessidade de formação acadêmica. Pela tabela, vê-se que no Brasil os textos religiosos atingem um número que chega a quase 50%, o que também demonstra a função doutrinária da leitura, no sentido mais teológico. Em Portugal, esse número é

bem menor, embora reconheçamos que historicamente ambos os países são religiosos e que reúnem fiéis de várias religiões, em especial o catolicismo. O que ainda podemos inferir desta tabela é que a literatura assume relevância para os alunos de jornalismo dos dois países. Acreditamos que tal ocorre pelo fato de a literatura apresentar uma das formas privilegiadas dentre as construções textuais, uma vez que aborda o discurso lúdico enquanto função poética no sistema das representações. O texto literário apresenta traços de polissemia, isto é, favorece a atribuição de significados múltiplos, é conotativo, provoca desautomatização no leitor em razão do “desvio” usual da linguagem, além da relevância do plano de expressão que não foge do caráter artístico (FIORIN E SAVIOLI, 1999:353). Os textos não-literários, tais como os das revistas, são denotativos por excelência, tendo em vista que sua linguagem deve ser objetiva, clara e concisa.

#### **4. Considerações finais**

A partir dos dados coletados, pudemos fazer uma reflexão sobre a relação entre as experiências de leitura e o desempenho acadêmico dos futuros profissionais jornalistas, buscando-se os argumentos para tal situação que, a princípio, parece óbvia, mas que apresenta índices de complexidade se levarmos em conta as variáveis cogitadas pela pesquisa. Vimos que a representação de leitura é proporcionalmente significativa aos objetivos e finalidades que se apresentam aos alunos, ou seja, se terá função utilitária, se atenderá às exigências dos exames de qualificação, se proporcionará momentos de diversão, prazer, ou ainda por necessidade da escolha profissional. Os sujeitos pesquisados reconhecem que ler confere *status* social e é fundamental para que eles se situem numa sociedade letrada, em contato com inúmeros canais de informações, por experimentarem os efeitos que a leitura possibilita. Entretanto, observamos que a leitura ainda é desafio ao cultivo diário e sistemático, quer de livros ou de jornais. A literatura, enquanto produto estético e de prazer, e revistas de gêneros variados demonstraram ser primordiais ao desenvolvimento do gosto pela leitura, em razão do elevado percentual na ordem de interesses dos sujeitos. Ainda assim, a televisão é a mídia que eles recorrem com maior frequência para ficar informados, não obstante declararem que gostam de ler e que uma parte acessa a internet. Inferimos que assistir ao telejornal indica o apelo

imagético da televisão que termina por concentrar maior interesse em relação aos jornais impressos. Observamos que no processo de formação do jornalista, nas duas universidades, as experiências de leituras estão imersas não só no ambiente acadêmico, mas fora do contexto universitário, notadamente no seio familiar ou nos ambientes públicos. É legítimo afirmar também que a apropriação de novos conhecimentos amplia o repertório de leitura e altera o comportamento metacognitivo, isto porque os sujeitos declararam que a leitura promove a aprendizagem e os deixa mais cultos.

No cotidiano da sala de aula, nas bibliotecas, nas salas de leitura, nas salas de internet, tanto quanto nas vivências diárias, as experiências de leitura devem estar agregadas aos ideais do futuro jornalista, razão pela qual consideramos pertinente a presente reflexão por parte dos professores de jornalismo. Entendemos que o professor, como mediador de conhecimentos e animador do processo de ensino, deve favorecer espaços de leitura no interior das salas de aula, como uma prática didática e uma política de leitura, no sentido de provocar motivações constantes por parte dos alunos. Se os sujeitos pesquisados demonstraram pouco tempo e limitações financeiras para a compra e leitura de jornal, por exemplo, e por ser o professor um leitor experiente, fazemos a seguinte indagação: por que não levar para sala de aula o material de leitura de que o aluno necessita no sentido de torná-lo um leitor proficiente? Acreditamos que esse procedimento, além de resolver um problema que afeta o desempenho acadêmico dos alunos, ainda irá encorajá-los à autonomia – porque reconhecerão a importância da leitura –, promoverá o desenvolvimento de potencialidades, inserindo-os no universo de conhecimentos factuais que se ampliam a cada dia.

É provável que o reconhecimento da leitura como base de formação profissional pode levar os aprendizes à condição de atores sociais que a identificam como fonte de criticidade, de prazer, de construção de valores pessoais e sociohistóricos, além de parâmetros de referência que possibilitam reunir as informações para se escrever e narrar uma notícia, cujo texto refletirá sua capacidade de observar o mundo e desempenhar as funções de jornalista.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Platão. **Para entender o texto: leitura e redação.** 14 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Texto e Linguagem).
- LENCASTRE, Leonor. **Leitura: a compreensão de textos.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- MARINHO, S. & PINTO, M. **O papel do acompanhamento da actualidade na selecção e valorização dos acontecimentos: um estudo de caso.** Comunicação apresentada no IV SOPCOM, Universidade de Aveiro, 21 de Outubro de 2005.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *In* TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias, 'estórias'.** Lisboa: Veja, 1993.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Críticidade e leitura: ensaios.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler.** 3. ed. Tradução por Daise Batista. PortoAlegre: Artes Médicas, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Leitura Significativa.** Tradução por Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó, SC: Argos, 2002.
- TRAQUINA, Nelson . **Jornalismo: questões, teorias, 'estórias'.** Lisboa: Veja, 1993. (Coleção comunicação e linguagem)
- \_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** v.1. Florianópolis: Insular, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O poder do agendamento: análise e textos da teoria do agendamento.** Lisboa: Minerva, 2000.
- TUCHMAN, Gaye. Contando 'estórias'. *In* TRAQUINA, Nelson . **Jornalismo: questões, teorias, 'estórias'.** Lisboa: Veja, 1993



WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Tradução por Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica).

**Currículo do autor:**

O autor deste artigo é Doutor, professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, coordenador da base de pesquisa “Comunicação, Cultura e Mídia”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, com pós-doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa.